



JORNAL

Psicologia em Foco

ISSN 2178 - 9096 - Maringá

JUNHO E JULHO DE 2014 - Nº 21

ESPECIAL 4 ANOS

Oficina do Saber 

APRESENTA

 Oficina do Sabor

! | gastronomia e cultura | !



ESPANHIA

— ♦ Cultura | História + Culinária ♦ —

01 de JULHO | 20h RESTAURANTE MADEIRA GRILL

 Sabores e Saberes

Convites limitados R\$ 90,00 Reservas 44 9985-9839

SESSÃO ESPECIAL

PÁG. 03

O Futebol e Freud Vs A Copa que o Brasil não vendeu

PENSO ASSIM

PÁG. 04

O coração elástico

RODA DE PSICANÁLISE

PÁG. 07

O inquietante estranho em nós

COMPORTAMENTO EM PAUTA

PÁG. 11

O amor na análise do comportamento

ENTREVISTA

PÁG. 13

Vinicius Romagnolli, editor do JPF fala sobre os 4 anos de história do jornal



IMOBILIÁRIA
SILVIO IWATA
Uma decisão de confiança!

LOCAÇÃO | VENDA | LANÇAMENTO

www.silvioiwata.com.br

[44] 3023-8981 Av. Duque de Caxias, 718

[44] 4009-8981 Rua Néo Alves Martins, 2851

[44] 3023-8929 Av. Euclides da Cunha, 1088

**Coordenação**

Vinicius Romagnolli R. Gomes | CRP 08/16521

Edição

Fernanda Ferdinandi

Redação

Eduardo Chierito, Luiz Antonio Trentinalha, Mayara Coutinho, Raquel Abeche, Rodrigo Corrêa, Roseane Prac, Renan Miguel Albezi

Revisão

Ariane Krause, Giovanna Bertoni, Jéssica Demiti

Divulgação

Maria Renata Borin, Cicero Félix, Ieda Marinho, Thaís de Paiva Vidal, Gabriela Cristófoli, Luana Ramos

Impressão

GRÁFICA O DIÁRIO

Design Gráfico

VilaÓpera
agência de conteúdo

Tiragem

3.000 exemplares

Quer publicar um artigo, com a possibilidade de ampliação de seu currículo ou realizar a divulgação de sua clínica, empresa ou evento?

ENTRE EM CONTATO CONOSCO!

contato@grupopsicologiaemfoco.com.br

www.grupopsicologiaemfoco.com.br
[44] 9985-9839 - Vinicius



O QUE (NÃO) DIZEM OS NÚMEROS

VINÍCIUS ROMAGNOLLI R. GOMES

é psicólogo (CRP 08/16521) e coordenador do Jornal Psicologia em Foco

Caro leitor,

Eis que chegamos a mais uma edição comemorativa do JPF, agora para celebrar seu 4ºano. Ao longo desse período foram 21 edições, mais de 200 páginas e 100 artigos, com a participação de mais de 50 membros e 120 anunciantes. Mas afinal, o que dizem esses números?

Creio que analisados friamente, esses números escondem a motivação, a dedicação e o suor por trás do árduo trabalho que foi e tem sido feito por um jornal cada vez melhor e mais interessante.

Sabemos que o tempo é algo subjetivo e relativo. Afinal, se tomarmos como parâmetro a história da humanidade, 4 anos não são nada, entretanto, para nós que fazemos o JPF, esse tempo parece se alongar e tem uma outra conotação.

Não dá para negar que todos nós dispomos das mesmas 24 horas diárias, tampouco que em média nossa existência na terra não passa de algumas décadas. No entanto, o que fazemos nesse tempo é o que mais importa. Investir meu tempo no JPF

ao longo desses anos me fez pensar naquilo que Evan Esar disse: “não podemos fazer muito sobre a extensão de nossas vidas, mas podemos fazer muito sobre a largura e a profundidade delas”.

Com o advento do capitalismo, o tempo passou a ser controlado pelo trabalho e parte dele foi sendo expropriado (mais valia), fazendo com que o homem não fosse mais o “senhor do seu tempo”. A despeito disso, concordo com Antonio Candido; mesmo o capitalismo sendo o senhor do tempo na atualidade, pensar o tempo como dinheiro é uma brutalidade, pois ele é o tecido de nossas vidas.

Nesse sentido, o tempo não deveria ser medido em números, mas sim a partir de realizações e conquistas. Hoje me sinto grato e feliz por dedicar boa parte desse meu mais precioso bem ao JPF. Um tempo intraduzível por números. Que venham os próximos aniversários e edições, mas, sobretudo, as próximas experiências.

Uma boa leitura.

Quem somos nós?

Jornal Psicologia em Foco (ISSN 2178-9096) surgiu no ano de 2010, idealizado pelos então acadêmicos do 5º ano de Psicologia do Cesumar Vinicius Romagnolli, Diogo A. Valim e Roberto M. Prado. O projeto tem como proposta viabilizar em espaço para a produção científica de acadêmicos e profissionais de Psicologia, bem como a promoção e divulgação dos importantes acontecimentos e eventos relacionados à Psicologia, tais

como palestras, cursos, debates, grupos de estudos, entre outros.

Em 2011, na comemoração de 1º ano do JPF foi criada a Oficina do Saber. O jornal se sustenta com o apoio dos colaboradores e patrocinadores e tem sua distribuição gratuita, alcançando o público acadêmico de diversas instituições de ensino, cursos de pós-graduação e profissionais da área. Atualmente o Jornal Psicologia em Foco tem uma tiragem de 3 mil exemplares e

periodicidade bimestral. Já as oficinas acontecem mensalmente na PUC.

MISSÃO: Promover a troca de saberes em um espaço inovador.

VALORES:

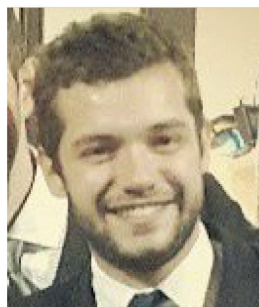
Comprometimento
Brilho nos olhos
Espírito de equipe
Qualidade
Pró-atividade
Foco no cliente

SAIA LIDERANDO MELHOR EM 1 HORA

Melhore-se AGORA (44) 9834-1777
Soluções para você e sua empresa.

SAIA FALANDO BEM EM 1 HORA.

Fale conosco neste Jornal.



LUIZ ANTÔNIO LAZARIN TRENTINALHA
graduado em letras,
pós graduado em
artes, estudante do 2º
ano de psicologia da
UNICESUMAR e
membro do JPF

O Futebol e Freud Vs. A Copa que o Brasil não vendeu

São tantas informações, infortúnios e tribulações que nos atingem no certame da vida, que o terapeuta se fez tão habitual e mambembe quanto uma namorada. E o homem que por qualquer acaso deixa de vê-los, ouvi-los e frequentá-los fica incapaz para vida, para os negócios, pro amor, etc. Entretanto, antes de um desses transtornos virem a se tornar um ato grave como o adultério, a violência ou a intolerância, os homens mais e mais vão fazendo a sua terapia. Agora, onde se encaixa o futebol nesse exemplo? É fato que o futebol brasileiro tem tudo, menos o seu terapeuta.

Preocupa-se muito com a boa aparência dos cabelos, a integridade dos joelhos e canelas, mas ninguém se recorda de preservar a saúde interior, o delicadíssimo emocional do jogador de futebol. E em suma, já é tempo de olharmos para a psique do atleta, que talvez seja inconsistente, quase precária, mas que é incontestável. A torcida, a imprensa em geral e a televisão dão uma importância faraônica a qualquer frivolidade. Exemplo, as bolhas de Ronaldo na Copa de 2006, causadas supostamente pela chuteira de último modelo fornecida pela empresa de tal material esportivo. Não só isso, qualquer formigamento muscular é capaz de gerar uma enxurrada de manchetes.

O que quase não se vê é locutor ou jornal algum se preocupar com uma dor-de-cotovelo, que viesse a torturar o atleta e incapacita-lo de completar um passe de 3 metros, ou um filho que esta pra reprovar de ano na escola, e tira a pujança do pai ao ponto deste não dar conta de lançar um arremesso lateral. Vejamos bem, há na delegação uma enorme equipe médica, que cuida desde um complexo ligamento cruzado dos joelhos até uma corriqueira coriza. Só não existe um especialista infiltrado no time para resguardar a indefesa fragilidade psíquica dos atletas. E em consequência disso, a seleção brasileira é sempre um pobre ser em crise, mesmo sendo a maior campeã entre todas as seleções em Copas do Mundo.

Pois para o brasileiro, o futebol não se traduz só em termos técnicos, táticos e operacionais, o futebol aqui é (quase) exclusivamente emocional. Basta se lembrar do Brasil x França que perdemos no Mundial de Futebol de 98. Apesar do chocolate (como se diz na gíria do futebol) que a seleção brasileira levou dos donos da casa, ainda há pessoas, daquelas que babam e vestem camisa de força, que insistem em dizer que vendemos aquela Copa. Disse primeiramente que perdemos. Mas seria somente pela absoluta superioridade técnica dos adversários? Definitivamente, embora seja

daqueles que acredita que em brilho, técnica, agilidade física e mental, somos invencíveis.

A verdade é que antes do jogo contra os franceses, já estávamos derrotados emocionalmente. Repito, fomos vencidos por uma dessas tremedeiras, que surgem infantil e gratuitamente, em meio à selvageria de egos e culturas diferente habitando o mesmo vestiário. Aquilo não se tratou de uma pane individual, se tratava de um naufrágio coletivo. Afogaram-se ali os jogadores, a comissão técnica, o chefe da delegação, o massagista e os 170 milhões de tupiniquins que queriam viver daquela fugaz alegria depois de quatro “longos” anos.

Retomando o assunto. Como diria João Saldanha “quem ganha e quem perde as partidas é a alma”, e foi a nossa alma que implodiu face à França, foi essa alma deixada ao léu da fortuna e da fragilidade psíquica que nos enfraqueceu para aquele cotejo. Essa alma já havia ruído frente ao Uruguai, em 50 no próprio Brasil e haveria de desabar novamente frente à França em 2006 na Copa do Mundo da Alemanha. Os jogadores estavam afogados no mar das vaidades e outras intempéries que não tiveram disposição para desempenhar o seu futebol e não que houve uma compra realizada por de baixo dos panos por políticos, mafiosos ou apostadores. Vamos e venhamos, nenhum cheque em branco compra uma final de Copa do Mundo, seja ela no Brasil, na África, em Brasília ou em qualquer outro lugar onde prevaleça o caráter duvidoso.

E aí fica uma pergunta, o que entende do psiquismo um técnico de futebol? Se ele não é terapeuta, psicólogo, psicanalista nem nada. Entendo que um Freud naquele fatídico Brasil x França, seria muito mais enérgico na boca do túnel (que dá acesso ao campo de jogo) do que o próprio Zagallo (incontestável multicampeão, mas já estava velhinho, velhinho). Teríamos sido penta campeões naquele dia, se a seleção estivesse em dia com o seu terapeuta. Certamente.

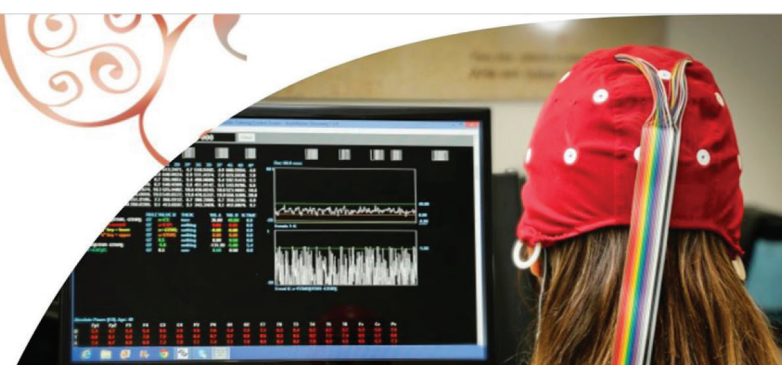
E passados os anos um refrão se tornou praticamente um ditado popular: “Freud explica”. Qualquer homem de bem (ou parlamentar) adora entoar a frase em tom acadêmico, se um sapo canta na lagoa, se uma gata mia mais alto no telhado ou se uma galinha pula a cerca do vizinho, dizem eles, “Freud explica”. Agora uso as palavras do povo, Freud explica, e explicaria a nossa derrota no ano de 98 para a França em Paris, também a de 50 aqui no Brasil para os vizinhos uruguaios, em suma, ele explicaria qualquer derrota do brasileiro na vida ou em uma de suas metáforas mais apaixonantes, no futebol.



Neurofeedback Maringá

Responsável:
MARCELO MOREIRA KHOURY
Psicólogo
CRP 08/16593

Av. Itororó, 805 - Zona 02
Fone: 44-3226-6688
Maringá - Paraná



Considerando controvérsias quanto as técnicas alternativas na atuação do psicólogo, quais são permitidas?

Práticas não reconhecidas em Psicologia são reguladas, hoje, pela Res. CFP 10/1997 e pela Res. CFP 11/1997. Ambas as Resoluções se remetem ao reconhecimento no campo da Psicologia, o qual é feito antes pela sociedade e categoria do que pelo CRP. Um campo estável não demanda regulamentação, como ocorre quando falamos de Psicanálise ou Psicologia Cognitiva Comportamental. Como campo estável, não é preciso intervir com regulamentações. Da mesma forma, práticas pouco conhecidas possuem regulamentação, como é o caso da acupuntura, regulamentada pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS. A polêmica parece ser gerada especialmente por práticas pouco conhecidas e não regulamentadas, como é o caso da Psicologia Transpessoal e PNL (Programação Neurolinguística), que ainda assim possuem longo percurso no desenvolvimento de pesquisas. Como proceder então? O que é permitido e o que é proibido? Ambas as Resoluções se remetem ao Código de Ética, que é a baliza fundamental na ação de qualquer Psicólogo. É preciso atentar, portanto, menos à nomenclatura e mais à prática: esta deve respeitar os direitos humanos, não fazer previsão taxativa de resultados, não conduzir a convicções ideológicas, religiosas e/ou de orientação sexual, e assim por diante. A ética é o que garante o bom cumprimento de um trabalho. E é por ela que todo trabalho deve se pautar.

O coração elástico

De todas as características que atribuem ao coração, a que mais me impressiona é a elasticidade: este sentir ou deixar de sentir, que movimenta a alma de tal maneira que provoca uma sensação de elasticidade lá dentro. E, feito uma mola que se instala, aprendemos a viver à espera de alguma nova emoção.

Conta-se por aí que, quando a mola estica, os batimentos aceleram de tal forma que o impossível chega a nos acordar com beijos de bom-dia. A mola esticada nos deixa apaixonados, fazendo com que, sem querer colocar enfeite nas palavras, o cotidiano vire um quadro de Monet.

O problema é que, de tão entusiasmados, aprendemos também a esticar essa mola ao máximo, num acordo perigoso do nosso limite com a realidade. E, quando a mola se solta, forçada por algum motivo qualquer ou pela própria ação da lei da física, vem uma vertigem sem remetente que faz uma

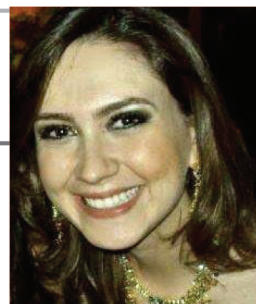
espécie de portão medieval, pesado e enferrujado, fechar-se, prendendo nossos dedos, narizes e quaisquer fios de cabelo desavisados.

Alguém não quer mais e você se vê com o pobre do seu coração elástico frouxo na palma das mãos.

Trata-se de uma dor tão aguda, latente e certa, que deixa a alma da gente até dormente por pouco ou muito tempo. Deveríamos aprender depois dessa, mas o coração é inexperiente para sempre. Eis o lado traiçoeiro do coração elástico: nesse efeito sanfona de esticar e soltar, vivemos redefinindo as dimensões do que somos capazes de sentir, tolerar e admitir, muitas vezes desleais com relação aos nossos próprios sentimentos.

Os físicos, mais práticos, vão dizer que esse estica daqui e dali e o fato de a mola voltar ao seu estado original são simplesmente qualidades de um corpo

THAIS DE FERRAND
escritora, cronista e
contadora de histórias



que anula os efeitos ou a força de outro. A filosofia não responderia; perguntaria de volta.

Talvez seja por isso que existem os escritores: para apresentar um novo jeito de ver a mesma coisa, que mais se assemelha a um buquê de palavras com recheio de letras.

E essa tal mola coronária que temos dentro da gente talvez se estique ao máximo, porque só, ao se soltar de forma intensa, a gente é capaz de perceber quando é possível sair verdadeiramente de cena. Bem assim, como quem dá por entendida uma briga de bar que a razão resolveu ter com o coração: sem despedidas.

Seja como for, esse tal de coração elástico nos ensina a andar cientes de que todo sentimento possui o seu limite; e, ainda que possua tantos riscos, só quem aceita sentir o vaivém da mola vivencia até onde ele é capaz de chegar.

CARTA DO LEITOR

contato@jornalpsicologiaemfoco.com.br

Somente quem já acompanhou ou encarou o desafio de manter uma publicação impressa tem a exata noção dos percalços diários que se enfrenta. Tarefa difícil e que exige fundamentalmente dedicação, seriedade e conhecimento. Quando isso é colocado à frente, não há o que temer quanto aos resultados. Caso do JPF, que chega ao quarto ano consecutivo trazendo informação de qualidade de maneira acessível ao leitor. A mescla do empenho de jovens profissionais capazes com a experiência de pessoas reconhecidas pela atividade exercida dão ao jornal a credibilidade necessária para seguir em frente e a certeza de que bons frutos serão colhidos. Vida longa ao JPF. Vida longa àqueles que trabalham para o esclarecimento e para levar informação de qualidade aos leitores.

EDERSON HISING

Jornalista e repórter de O Diário do Norte do Paraná,
acadêmico de ciências sociais na UEM.

ENTRE ASPAS

*O que quer dizer diz.
Não fica fazendo
o que, um dia, eu sempre fiz.
Não fica só querendo, querendo,
coisa que eu nunca quis.
O que quer dizer, diz.
Só se dizendo num outro
o que, um dia, se disse,
um dia, vai ser feliz.*

PAULO LEMINSKI

Sofremos muito com o pouco que nos falta e gozamos pouco o muito que temos.

WILLIAM SHAKESPEARE

Casa e Escritório

Móveis e Acessórios

Luiz Octávio Periotto
(44) 9986-2967
otavio@casaeescritorio.com.br

www.casaeescritorio.com.br

Av. XV de Novembro, 1046
Maringá - Paraná - 87013-230
Fone (44) 3305-1800

PSICANÁLISE EM PAUTA



Morte em vida, o medo de envelhecer

VIVIAN R. PRESTES
Psicóloga clínica
(CRP-08/17539),
especialista em psicanálise:
teoria e clínica, e mestranda
em psicologia pela
Universidade Estadual de
Maringá.

Pretendo, com este texto, levantar algumas questões referentes ao medo de envelhecer como característica presente em diversas faixas etárias. Por isso, faço o convite para pensarmos algumas ideias que serão expostas, sem, no entanto, concluir ou encerrar este assunto.

“Uso creme até em baixo dos pés, só pra não ter uma ruga em parte alguma do corpo”, disse uma garota de 23 anos. A preocupação com a aparência, especialmente com os sinais do tempo, não é exclusiva dos mais velhos. Como podemos observar na fala, até mesmo os jovens ficam apreensivos quando o assunto é envelhecimento. Diante do medo frente às marcas do corpo deixadas pelo tempo, ou, ainda que elas não tenham aparecido, mas geram pavor ao imaginá-las, muitos iniciam o processo de mumificação.

A mumificação foi uma técnica aperfeiçoada pelos egípcios que tinham por objetivo evitar a decomposição do corpo da pessoa morta. Baseados na crença religiosa de vida após a morte, eles acreditavam que, com o corpo preservado, o espírito o reconheceria e, assim, poderia habitá-lo novamente para ter a vida eterna.

Vejo a possibilidade de aproximarmos as múmias, envoltas por faixas de algodão ou linho, de nós, com cremes formando camadas espessas sob nosso corpo, além das plásticas, processo que, muitas vezes, busca anular o sujeito em sua individualidade e diferença. Fazemos isso também com o intuito de “preservar” a pele e o corpo, mas com a diferença de que, enquanto os primeiros realizavam o procedimento após a morte, nós o fazemos em vida.

Observo que devemos usar a tecnologia desenvolvida a nosso favor, mas questiono a contradição imposta a nós: enquanto a medicina luta pela vida e a indústria comercializa os produtos para retardar o envelhecimento e, conseqüentemente, a morte, a psicanálise nos explica que a dualidade entre vida e morte é o conflito que nos move. Indago a mim e a você sobre as possíveis repercussões psíquicas e subjetivas que são ocasionadas pela ideologia disseminada pela mídia, a qual vende (e muitos compram) que a meta da felicidade é a beleza e a juventude, negando aquilo que é inevitável: o envelhecimento e a morte.



Sabe-se que o desejo de imortalidade faz parte do nosso funcionamento mental, afinal, como nos ensinou Freud (1915), “(...) no fundo ninguém crê em sua própria morte, ou, dizendo a mesma coisa de outra maneira, que no inconsciente cada um de nós está convencido de sua própria imortalidade”. Por isso, a indústria nos pega no ponto fraco, no nosso tendão de Aquiles, ao fazer as falsas promessas, que não serão cumpridas, de que, ao utilizarmos determinados produtos, conseguiremos o “milagre” do rejuvenescimento.

Como exemplo, a marca francesa Lancôme Paris, uma das mais conhecidas no ramo da cosmetologia, oferece em seu site alguns produtos “extraordinários”, divididos em duas categorias que destaco: ativador de juventude e anti-idade. Os cremes prometem rejuvenescer a pele quase que imediatamente, como podemos observar na descrição de um produto para os olhos: “Os resultados são incríveis: a região dos olhos terá uma aparência instantaneamente mais firme, mais densa e mais uniforme. As rugas são reduzidas e a textura é alisada”.

A Forbes, revista americana, anunciou que as marcas de beleza estão investindo no crescimento de linhas de produtos antienvelhecimento por ser um dos

segmentos que mais lucra. Não é à toa. Os preços, esses sim são de dar rugas. O produto que citei custa R\$429,00 por apenas 15 ml. Como dado de curiosidade, na classificação dos países que mais consomem produtos de beleza, o Brasil ocupa o terceiro lugar, ficando atrás dos Estados Unidos e Japão.

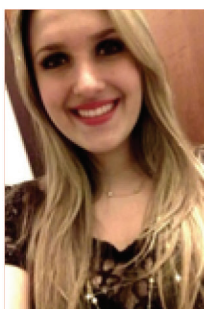
O maior interesse é na qualidade de vida do consumidor ou é para atender a lógica capitalista, preocupada exclusivamente com o lucro?! Somos atravessados por discursos perversos que diz qual é a nossa necessidade, atrelando a qualidade de vida com aparência e beleza. Somos constantemente colocados em condições de consumir “porções de felicidade” que sempre falham ou nunca são completas, apesar de divulgarem o contrário.

Mesmo que soe estranho, percebo que, diante dessa lógica difundida e a qual nos identificamos, quando negamos a morte ao tentar evitar o envelhecimento, também estamos morrendo. Como dito anteriormente, se é a morte que nos move para a vida, negá-la é também se opor ao processo de criação. Morremos em vida. Freud, ao final do seu texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915), sabiamente nos alerta: “Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte”.

Ensino Infantil no Platão.
Pensando no futuro desde cedo.

COLÉGIO
platão
SOMOS MUITOS, MAS ÚNICOS.

44 3220.6868
platao.com.br



JÉSSICA DEMITI
Psicóloga
CRP/08-19776 e
membro do JPF

A verdade por trás de um narcisista

Sempre gostei de observar as pessoas em seus gestos, atitudes e comportamentos, mas sempre gostei mais ainda, de tentar entender o que está por trás de tal comportamento ou atitude. Ao realizarmos algo, por mais inútil que pareça, sempre temos uma intenção por trás, às vezes consciente, às vezes inconsciente.

O que tem me chamado muito a atenção é o excesso de narcisismo, principalmente nas redes sociais que estamos vivenciando atualmente e que vem crescendo cada vez mais. Os internautas sentem prazer em exibir seus corpos e sua vida neste meio. Mas para que possamos entender melhor, vou definir de acordo com o dicionário o que significa narcisismo: “Pessoa que tem propensão ao narcisismo, que nutre amor excessivo a si mesmo, a sua imagem”. Podemos exemplificar: “João é extremamente narcisista, ele contempla sua imagem todos os dias no espelho”.

O termo narcisismo provém da Mitologia Grega, que narra a história de Narciso, um jovem muito bonito que desprezou o amor da ninfa Eco e por isso foi condenado a apaixonar-se por sua própria imagem espelhada na água. Este amor impossível levou Narciso à morte, afogado em seu reflexo. Mas qual será a intenção do narcisista ao agir desta forma? O que ele de fato quer mostrar ou exibir? Para quem? Pensando nestas questões, vamos tentar compreender melhor o que se passa por trás de um narcisista.

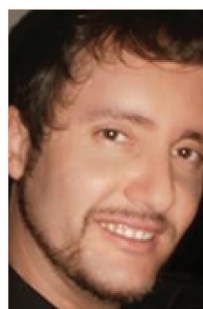
A palavra que melhor poderia descrever um narcisista é a grandiosidade, ou seja, magnificência. São pessoas extremamente competitivas, gostam de vencer e odeiam perder. Competir com o outro para provar sua grandiosidade é questão de honra e o que o motiva a ir tão longe e se dedicar nos maiores ou menores desafios da vida cotidiana. Muitas vezes o excesso de grandiosidade pode transformá-los em pessoas arrogantes, porém, na maioria das vezes, são pessoas muito educadas.

Possuem muito controle e domínio corporal que é usado para exibir-se, algo que adoram fazer. São bastante energizados, expansivos, podem ser muito dramáticos quando querem, fazendo de tudo para conseguir o que quer. É normal quando se conversa com um narcisista, sentir-se com uma vaga sensação de frustração, pois você irá achá-lo tão bom e competente por conta da propaganda que ele faz de si próprio, que poderá se sentir inferior a ele. Porém essa forma de agir como se fosse uma mensagem publicitária onde se pode ver o produto, mas não se pode saboreá-lo, indica uma grande dificuldade com a intimidade.

São pessoas que agem muito mais com a razão do que com a emoção e conseguem enfrentar os problemas e as dificuldades de forma admirável, pois se recuperam muito rápidos dos “tombos” da vida. São movidos por fantasia de um ideal. Não se abalam com facilidade e se você quer surpreender um narcisista, terá que se empenhar muito, pois são difíceis de serem surpreendidos.

Possuem uma admiração desmesurada por seus corpos ou por um aspecto de seu corpo, sendo indivíduos muito vaidosos, que cuidam muito de si e se valorizam bastante, não valorizando outras pessoas, possuindo uma dificuldade em ter empatia. Adoram ser o centro das atenções, acham isso normal e possuem uma imensa necessidade de serem admirados, isso porque em alguma fase de sua vida provavelmente faltou reconhecimento.

É importante entender o que se passa por trás de alguns comportamentos e atitudes para que não tenhamos o hábito de julgar. O narcisista não é melhor nem pior do que ninguém, ele apenas possui um jeito de funcionar, assim como qualquer outra pessoa, por isso devemos respeitar cada ser humano em sua subjetividade e aceitá-los como são, não ultrapassando seus limites.



CLETO ROCHA
POMPO FILHO
é Médico Psiquiatra
(CRM 19276)

A atuação do Psiquiatra e do Psicólogo através do princípio BIO-PSICO-SOCIAL

A organização mundial de saúde (OMS) em conjunto com a APA (Associação Americana de Psiquiatria), atualmente enxergam os transtornos mentais a partir das lentes de um princípio universal, chamado de princípio BIO-PSICO-SOCIAL. Dada a complexidade da existência humana e de sua variedade de manifestações sintomatológicas esse princípio tem o objetivo de abarcar todas as causas envolvidas na manifestação de um sofrimento psíquico de uma doença mental.

O BIO = são os aspectos biológicos, ligados ao físico, ao corpo, às células, ou seja, as características genéticas de manifestação de uma patologia como a depressão por exemplo. Assim como alguém tem predisposição genética a ter uma doença como diabetes, ela também poderá ter uma genética predisposta a ter depressão. O biológico aqui também alude aos neurônios e aos neurotransmissores que são os alvos das ações das medicações usadas pelo psiquiatra.

Então, é nessa parte biológica do princípio BIO-PSICO-SOCIAL, ligados a atuação dos psicotrópicos, que está o papel do Psiquiatra fazendo avaliações completas e detalhadas de um sintoma para que se possa chegar à decisão complexa de indicar uma medicação, e/ou somente sugerir uma psicoterapia. De acordo com a gravidade dos sintomas, do tipo de diagnóstico e da intensidade do sofrimento psíquico, faz-se a hipótese de que o uso de uma medicação pode ajudar a pessoa a ter uma vida melhor.

O PSICO = essa parte do princípio é a que revela os aspectos psicológicos mais específicos de um transtorno mental como a Depressão. Como foram as experiências emocionais que determinada pessoa viveu, os possíveis traumas que possa ter experimentado na vida. As crenças que carrega consigo, a maneira como reage às frustrações. Como se desenvolveu seu amadurecimento emocional. E a formação de sua personalidade. Ou seja, aqui é que entra mais forte o papel do Psicólogo, dando um sentido simbólico ao sofrimento através da atividade da psicoterapia ou mesmo de aconselhamento psicológico. É nessa parte psicológica onde ficam as questões mais complexas de serem resolvidas, pois entra em cena a expressão dos desejos humanos que são por natureza ambivalentes e misteriosos.

SOCIAL = essa parte do princípio, remete as situações sociais onde uma pessoa foi criada e onde se desenvolveu. A influência dos níveis de escolaridade, dos colegas, o meio social que envolve a formação desse indivíduo. É claro em que cultura social essa personalidade esta imersa nos dias de hoje também. Se é em bares, universidades, favelas, academias etc. A atmosfera social que essa pessoa respira esta diretamente ligada a expressão de um determinado tipo de transtorno mental. Como a Anorexia nervosa por exemplo, que está vinculada a culturas que valorizam excessivamente a beleza e a forma física enlatadas no perfil de modelos magérrimas.

Aqui nessa parte do princípio ligada ao SOCIAL, entra uma participação de ambos psicólogo e psiquiatra uma vez que é necessário saber as condições sociais que determinada pessoa esta imersa para que se possa elaborar um tratamento mais adequado à realidade que aquela pessoa vive.

Devido a complexidade dos transtornos mentais e do sofrimento humano, temos uma batalha grande a vencer. Essa batalha necessita de que Psiquiatra e Psicólogo se unam em prol da melhor conduta a ser tomada no tratamento de uma pessoa que sofre. A indicação de um para outro, Psicólogo e Psiquiatra deve ter um fluxo lúcido e além de disputas egóicas. Além de que, a verdade absoluta não corresponde a natureza humana. Nós seguimos cometendo erros continuamente. Penso que se houver essa aliança saudável entre Psicólogo e Psiquiatra, a chance de errar é menor.

Neila Paula da Silva

Psicóloga
CRP 08/10172

curta nossa página

www.psicologiaecotidianocombr

Rua Né Alves Martins, 2999 | Sala 118
Edifício Marquês Trade Center
Maringá | Paraná
87013-070

☎ | 44 | 3227.9266

📞 | 44 | 9972.6301

neilapaulasilva@hotmail.com

Dr. Cleto
Rocha Pombo F^º
médico-psiquiatra-psicoterapeuta
CRM 19276

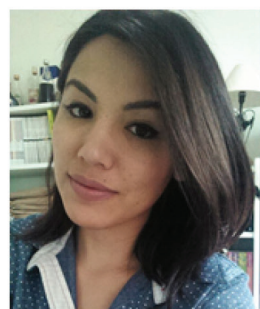
Av. Tiradentes, 1081

Centro Vascular João Belczak

44 3225-4965

Especialista em Psicoterapia USP-SP

Maringá - PR



SAMARA MEGUME RODRIGUES
CRP 08/18324 é psicóloga clínica, mestranda em Psicologia, colaboradora e idealizadora da Roda de Psicanálise.

O inquietante estranho em nós

Quem nunca foi tomado por uma sensação de estranheza diante dos próprios atos e das circunstâncias da vida? Algo que atrai e seduz, mas ao mesmo tempo também choca, provocando repulsa. Essa sensação inquietante está presente massivamente em filmes, na literatura fantástica, nas artes plásticas sombrias e também está em nosso cotidiano. Trata-se daquela sensação que surge quando, por exemplo, em um curto intervalo de tempo deparamo-nos com situações ligadas a um mesmo número ou nome de pessoa – algo que, principalmente para os indivíduos mais supersticiosos, pode adquirir um ar secreto de sina ou maldição. Em diferente grau, é a mesma sensação despertada pelo dito “mau-olhado”, agouro, em que tudo parece dar errado. Ou ainda esse sinistro que aparece quando temos dúvida se um ser animado está realmente vivo ou, ao contrário, se um objeto aparentemente inerte não seria, na verdade, portador de vida. Essa sensação foi estudada por Freud (1919) e nomeada de Das Unheimliche, que foi traduzida em português como O Inquietante/O Estranho, em espanhol Lo Siniestro.

Na obra sobre esse tema, O Inquietante (1919) Freud faz uma análise psicanalítica no terreno da estética, pelo conto “O Homem de Areia” e também do romance “Os elixires do diabo”, ambos do escritor de E.T.A. Hoffmann. No primeiro conto Hoffmann constrói a personagem Olímpia, que é destaque por sua graça, beleza e aparente vivacidade, o que a torna objeto de paixão do personagem principal, Nathaniel. Com o desenrolar da história o personagem descobre que Olímpia não passa de uma boneca, um autômato, fato que provoca certa estranheza ao leitor. Não é apenas a personagem Olímpia que causa essa sensação, no conto Nathaniel é um personagem que possui um delírio de associação da morte de seu pai com uma figura de sua infância: O Homem de Areia. Esse por sua vez corresponde a uma espécie de “bicho papão” da cultura alemã, figura que serve para auxiliar as mães a mandarem seus filhos para cama sob ameaça de terem seus olhos primeiramente feridos com areia e depois arrancados e roubados. No conto paira a dúvida sobre a existência real ou não do Homem de Areia.

Freud (1919) faz uma análise etimológica da palavra Unheimlich, bem como suas diferentes expressões em outros idiomas, como o latim, o grego, o inglês, o francês e o espanhol. Interessantemente ele demonstra que em seus sinônimos essa palavra apresenta paradoxos, sendo que em variadas matizes ela coincide com seu oposto imediato, Heimlich

(familiar/conhecido). Assim, Freud (1919) conclui que sempre atrás de algo aparentemente incompreensível ou atemorizante se esconde algo familiar, muito conhecido. Para que algo seja inquietante não basta que ele seja diferente do convencional, mas que esse algo tenha sido anteriormente familiar. Ou seja, Freud (1919) conclui que existe sempre uma sombra no aparentemente conhecido, um inominável que foi afastado, deslocado (reprimido) da consciência. Citando Schelling “Unheimlich seria tudo o que deveria permanecer secreto, oculto, mas apareceu”. (Freud, 1919, p.338)

O desassossego causado pela dúvida de seres inanimados terem vida remonta a infância, a fase de desenvolvimento em que de fato a criança não consegue distinguir ser vivo de um ser não vivo – em que ela dá vida aos seus brinquedos. A criança por não conseguir dar conta do que sente, transfere para seus brinquedos e fantasmas seus medos, amores e angústias. Como no conto o medo de Nathaniel de perder os olhos representa suas culpas infantis, que fazem com que ele tema sofrer retaliações: perda dos olhos (castração).

No romance “Os elixires do diabo”, de Hoffmann (1815-16), Freud (1919) mostra outra fonte intensa do inquietante. Trata-se do duplo ou sósia, o surgimento de pessoas que, pela aparência igual, devem ser consideradas idênticas, em que pode ocorrer a intensificação desse vínculo entre os sujeitos pela passagem de processos psíquicos de uma para outra (telepatia) – de modo que uma pessoa possui também o saber, e os sentimentos e vivências das outras pessoas. Por vezes a identificação com o duplo de si pode levar a confusão, ocorrendo a duplicação, divisão e permutação do Eu. A compreensão popular de alma imortal também representa o duplo, como uma medida de segurança diante da sempre eminente ameaça de destruição do Eu pela morte. Freud (1919) irá demonstrar que esse duplo trata-se da formação de uma instância psíquica que, embora gerada a partir do Eu, dele se apartaria, exercendo sobre si uma atividade de observação e censura: a consciência moral – termo que será um prenúncio do conceito de Supereu, após os trabalhos de Além do Princípio de Prazer (1920) e O eu e o isso (1923).

O inquietante é a sensação causada pela percepção da compulsão à repetição, em diferentes situações. Como quando identificamos traços faciais entre pessoas, vicissitudes, nomes, situações de nossa vida. Trata-se do eterno retorno do mesmo, a aflitiva sensação de que existe uma determinação

oculta em nossa vida. Freud (1919) demonstra que esse é justamente a natureza própria da pulsão; que tem o poder de subjugar nossa busca de realização e prazer, o que confere um caráter demoníaco a certos aspectos de nossa vida anímica.

Nas diversas manifestações do estranho, em maior ou menor grau, paira uma relação íntima com a nossa onipotência de pensamento, pois cremos que o pensamento por si só é capaz de determinar as ocorrências da realidade. Freud (1919) analisa as raízes individuais e sociais dessa onipotência.

O que é extremamente rico e inovador nesse trabalho de Freud é a forma como ele aborda o estranho (diferente) – que nunca é visto como um exato estrangeiro, mas detecta a estranheza do inconsciente, como aquilo que é inominável de nós mesmos. Desta forma, o estranho só nos choca, porque toca no sinistro que vive em nós. Como na música do Pink Floyd “Brain Damage”, o lunático que identificamos fora, na verdade vive em nossa mente, ele é o próprio Dark side of the moon, o nosso lado obscuro. Essa aflitiva estranheza é também a nossa! Dai o perigo de projetarmos o estrangeiro no outro, que encarnará os próprios conflitos. Assim, a psicanálise demonstra que todos nós somos estrangeiros e ironicamente habitamos o mesmo estranho lugar: a condição humana de desamparo – que é a condição última de nosso ser conosco e de nosso ser com o outro.

O Unheimlich surge desse entremeio, o Eu e o outro, em que algo não pode ser nomeado e por isso os limites frágeis do nosso eu parecem ser extrapolados, o que é fonte do sobrenatural. Esse algo estranho parece nunca poder ser verbalizado, mas por vezes aparece simbolizado em formas belíssimas, como nos filmes de Alfred Hitchcock e a literatura magnífica de Edgar Allan Poe.

Que ousadia – a psicanálise se aventura a adentrar esse estranho lugar! Busca dizer o indizível, por isso Freud (1925, 1937) escreveu que ela é uma profissão impossível! Aliás, como é inquietante a figura do analista. É ainda mais estranho a existência do desejo do analisando que, a partir do divã ousa (se) perguntar. Por meio desse encontro o sujeito que pergunta pode vir a se dar conta que esse outro a quem ele destina ódio não passa de um duplo de si mesmo. Por meio da transferência, ele pode vir a ser sujeito consciente de suas próprias diferenças, e sinta-se mais a vontade para conviver com as diferenças alheias. Somente escutando o monstro/louco que há em nós podemos nos implicar com os seus/nossos inquietantes desejos, com nossa agressividade e sexualidade, revivendo (e não só rememorando) esse outro de si mesmo. Nos permitindo assim dar novo estatuto à vida, criando possibilidades diante do impossível que é o inconsciente, readquirindo sua dimensão poética e de potência criativa.



Roda de Psicanálise
teoria, clínica e cultura

Aline Sanches
(CRP-08/19679) - 9834-4281

Isabelle Maurutto Schoffen
(CRP-08/17708) - 9118-6069

Samara Megume Rodrigues
(CRP-08/18324) - 9938-3542

<http://www.rodadepsicanalise.com.br/>

Av. São Paulo, 1061, Aspen Park Trade Center, sala 1305



clínica VIVER BEM
Saúde Integrada de Maringá

Giovanna Maria Bertoni
Psicóloga
CRP 08/19036

Rua Joaquim Nabuco, 452
Maringá - Paraná

+55 (44) 3024-0514 / 3031-0513

Odontologia Fisioterapia Pilates Nutrição Psicologia Estética

4 ANOS DE HISTÓRIA

ANO 1



Em 2010 nasce o jornal psicologia em foco

JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO

OFICINAS

GRUPO PSICOLOGIA EM FOCO

ANO 2



2011 foi um ano fundamental para estruturação da equipe e parcerias.

2011

2011

2011



Em 2011, na comemoração de 1 ano do Jornal, é criada a Oficina do Saber

Rolfing
Brasil
integração estrutural

Rolfing é um sistema de reestruturação corporal e educação do movimento no qual o profissional manipula o tecido conjuntivo que envolve e conecta nossos músculos e ossos (chamado fásia), liberando as tensões existentes em segmentos corporais como pés, pernas, quadris, tórax, pescoço e cabeça, realinhando-os à gravidade.

Com Rolfing o corpo ganha equilíbrio e não precisa gastar tanta energia para realizar movimentos básicos como manter-se em pé ou caminhar.

A sensação de totalidade adquirida com o Rolfing também contribui para a evolução pessoal, na medida em que estimula o autoconhecimento.

José Henrique Bronze Dias
Rolfista Estrutural e Movimento
rolfingmaringa@gmail.com
Maringá (44) 3031-2280 / 9973-3905
Londrina (43) 9617-6600

4 ANOS DE HISTÓRIA

ANO 3



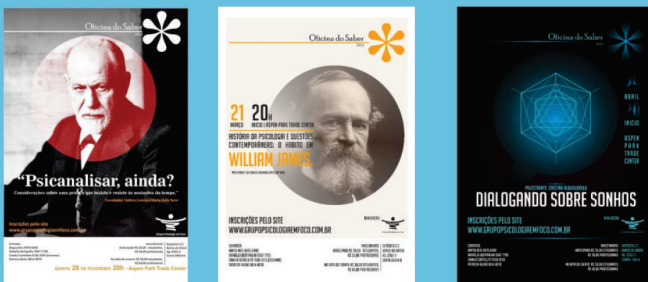
O período de 2012 para 2013 marca a mudança do jornal de preto e branco para colorido

ANO 4



Em 2014, o Jornal Psicologia em Foco ganha nova diagramação: mais moderna e organizada. O novo design gráfico marca uma mudança de estilo no impresso.

2014



2014

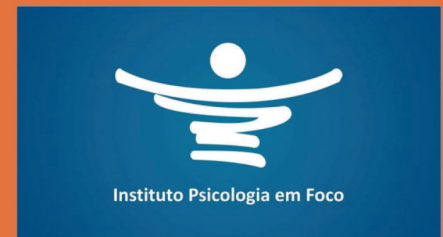


Em 2014 também começaram os trabalhos da Oficina in company, levando os eventos da Oficina do Saber para outros públicos.



Dois anos depois de criar o jornal e já trabalhando na oficina há um ano, a equipe se organizando e criou o Grupo Psicologia em Foco

2014



Em 2014, o Grupo Psicologia em Foco se torna Instituto, adotando uma organização formal e novas possibilidades de atuação



Café Literário
Livraria e Cafeteria

Fone: (44) 3024-0104
Rua Prof. Lauro Werneck, 1023
Salas 4 e 5 (ao lado da UEM)

PARABÉNS JORNAL PSICOLOGIA EM FOCO PELOS 4 ANOS DE TRABALHO E DEDICAÇÃO!



LÍVIA BATISTA
PEREIRA
LARRANHAGA
é psicóloga
CRP: 08/13426; email:
livialarranhaga@gmail.com

Entre a ferida e a cicatriz

Crianças caem com certa frequência, ralam joelhos, cotovelos, palmas das mãos. Às vezes, tenho a impressão que ferida de criança possui um ímã, pois quando ela ainda nem está cicatrizada, a criança cai de novo e, de forma mágica, machuca exatamente o mesmo lugar.

Somos assim, tendemos a nos machucar nos mesmos lugares. A nossa tendência é a da repetição. Nossas feridas são egoístas, elas parecem demandar atenção exclusiva. Um dedo cortado nos faz acreditar que o nosso corpo se resume em apenas um dedo cortado. Esquecemos-nos das outras partes do corpo e nos concentramos na dor. Esse é o aspecto narcísico da dor. Quando ela surge, o mundo todo parece girar ao seu redor.

No entanto, existe algo muito interessante quando penso que uma ferida na pele força o organismo a trabalhar mais intensamente para que haja a renovação dos tecidos e a consequente cicatrização da lesão.

No processo de cicatrização, a vida parece surgir com mais potência. O corpo precisa se recuperar e por isso ele trabalha mais, com mais força e mais energia. É nesse processo de elaboração, movimento, trabalho e transição que coisas boas e novas podem acontecer. É no momento que corajosamente nos colocamos disponíveis para o árduo trabalho da elaboração que a renovação acontece. A vida se torna mais intensa nesses momentos de embate, de conflito e de recuperação. É impossível alguém aceitar o desafio do conflito e não ser transformado durante o processo. Podemos negar o conflito, no entanto, a partir do momento que se aceita o desafio de batalhar, não nos é permitido permanecermos os mesmos.

E como uma criança que cai, mas levanta, assim somos todos nós. Diante dos tombos da vida podemos até desejar ficar no chão na posição da queda, mas se desejamos viver, é preciso levantar, cuidar das feridas e esperar que elas sequem.

Um secam mais rápido, outras demoram mais, mas uma coisa é certa: quando uma ferida sara não é só ela que recebe a cura, mas o corpo todo. Dessa forma, se por um lado a dor tem um aspecto mais narcísico, a cura é altruísta, solidária, pois ela tem o poder de espalhar benefícios além dos seus próprios limites.

Por fim, é preciso concluir que a vida é esse intervalo de tempo que acontece entre a ferida e a cicatriz. Nossas cicatrizes são as marcas da nossa história. São a prova de que vivemos, pois o caminho que percorremos entre a ferida e a cicatriz é o que ficará gravado na nossa história de vida e na nossa identidade.



EDUARDO
CHIERRITO DE
ARRUDA, estudante
de Psicologia do
Centro Universitário
de Maringá
(UNICESUMAR)

Psicologia Analítica e a Linguagem Simbólica

A linguagem é essencial para o desenvolvimento da humanidade. Composta essencialmente por símbolos, marcas visuais, entre outros. O que denominamos por símbolos são nomes que representam o objeto conhecido.

O símbolo pode significar algo além das coisas apresentadas, isto acontece quando uma palavra ou imagem passa a ser simbólica e assim dotada de um significado diferente do original, uma compreensão além de seu significado manifesto e imediato.

Um exemplo prático é o caso de um indiano que, após uma visita à Inglaterra, contou na volta, que os britânicos adoravam animais, isto devido ao fato de ver vários bois, leões e águias nas velhas igrejas. No entanto, ele não possuía as informações que tais animais são símbolos de três dos quatro evangelistas, símbolos estes provenientes de uma visão de Ezequiel, que possui analogia com o deus Horus, o deus egípcio do sol e seus quatro filhos. O leão é Marcos, o boi é Lucas e a águia é João.

Assim esse símbolo possui um aspecto “inconsciente” que nem sempre se pode ter esperança de ser explicado ou definido. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias além da razão. É justamente por existir coisas fora da compreensão do homem que existem os símbolos. Logo, o uso de símbolos é usado para representar um aspecto de um fato psicológico de grande importância. O homem também produz símbolos, consciente ou inconsciente sobre a forma de sonhos.

Os sentidos do homem não são suficientes para apreender do mundo que o cerca, independentemente de objetos e instrumentos que possa usar para aprimorar esses sentidos, existe sempre um campo limite cujo conhecimento dito como consciente não pode assumir. Mesmo ao transpor a realidade para a mente, esses fenômenos agora são psíquicos.

Certos acontecimentos permanecem em uma camada abaixo do limiar da consciência, aconteceram e foram registrados abaixo desse nível consciente. Percebidos apenas por intuição ou um processo de extrema reflexão. Devido a sua importância emocional e vital, surgem do inconsciente como um segundo pensamento que pode aparecer como um sonho.

O homem descobriu a sua consciência, em um processo de tempo infundável, até alcançar o estado civilizado, considera-se esta evolução longe da conclusão, existem diversas áreas ainda mergulhadas em trevas. A negação da existência do inconsciente é por si só a afirmação de um conhecimento total da psique, compara-se ao equívoco de dizer em conhecer tudo a respeito do universo, igualmente a psique faz parte da natureza e por si é sem limites, acredita-se o que estes são e assim existe a procura de sua explicação.

Dra. Angela Caniato

CRP - 08/0336

**Psicologia Clínica
de Orientação Psicanalítica**

Rua Néo Alves Martins, 3107 - Maringá - PR - CEP 87013-060
Fones (44) 3224-2167 - Cel.: (44) 9916-7348
e-mail: angelacaniato@gmail.com

**Psicologia Clínica
Veruska Betioli de Carvalho**

CRP 08/07009-1

Av. Amazonas, 118 | Mandaguari - PR | Fone: (44) 3233-3176

O amor na análise do comportamento



RENAN MIGUEL ALBANEZI é acadêmico do 5º ano de Psicologia (UniCesumar), pós-graduando em Análise do Comportamento (NECPAR) e colunista do site Comporte-se: Psicologia Científica.

O amor é explicado de muitas formas e por uma variedade de áreas do conhecimento. A arte o justifica: nossos poetas podem defini-lo como sendo uma “coisa” a qual podemos possuir. Vinicius de Moraes fala do amor que teve e que foi eterno enquanto durou; Augusto dos Anjos, de forma mais pessimista, critica amores fúteis e coloca em dúvida a existência dele na Humanidade; Leminski distintamente, afirma que amar é coisa de minutos, porém devastador.

Nossos músicos e letristas o traduzem como sendo um sentimento que, como diria Nando Reis, torna o nosso mundo completo, e, como afirmaria Marisa Monte e Carlinhos Brown, dispara nosso peito e nos deixa viver em constatale alegria. Cazuza, num outro ponto de vista, afirma que um amor tranquilo tem gosto de fruta mordida e nos torna pão e comida de outrem que amamos.

A arte e a literatura têm as concepções de amor mais belas, admitamos. A filosofia também se propõe a explicá-lo desde Aristóteles. A mitologia tem seus deuses, como Afrodite e seu filho Eros. Contudo, a ciência também se propõe a, ao menos, compreendê-lo. A neurofisiologia compreende o amor como tendo grande influência da liberação de neurotransmissores ante algumas contingências em que a pessoa está inserida, como a ocitocina, conhecida também como “o hormônio do amor”.

E a Análise do Comportamento? O que ela diria sobre o amor? Falar do amor para essa ciência do comportamento sem abordar o comportamento encoberto é impossível. Skinner (1974) define que comportamento encoberto é tudo aquilo que acontece sob nossa pele. Nessa classe de comportamento também entram os sonhos, os sentimentos, os pensamentos e as emoções. Envolve, também, estimulações interoceptivas e proprioceptivas, estando em relação com estimulações exteroceptivas (Skinner, 1969) pelo simples fato de que para Skinner (1974/1990), o comportamento encoberto não tem nenhuma natureza diferente do comportamento aberto. A principal diferença reside no fato de que o que sentimos e pensamos só é acessível a nós mesmos, pelo menos de maneira direta.

O outro só terá acesso aos nossos comportamentos encobertos se nós falarmos sobre o que estamos pensando e sentindo. E pode ser ainda mais complexo, podemos falar somente se nos for previamente perguntado. Outra complicação: podemos falar somente se formos perguntados e ainda assim podemos mentir ou omitir aspectos sobre o que

está ocorrendo sob nossa pele. O que importa é que o amor, como um sentimento, é um comportamento encoberto. E se é definido como tal, é passível de análise e de uma compreensão behaviorista radical.

Skinner (1990) apresenta três “tipos” de amor: o Amor Eros, o Amor Philia e o Amor Ágape. Cada um deles está relacionado com os três níveis de seleção e com a multideterminação do comportamento. De modo sucinto, o primeiro, Eros, seria o amor erótico, relacionado às contingências filogenéticas, pertinentes ao sexo e ao meio de reprodução de um organismo enquanto um ser biológico. O segundo, Philia, estaria relacionado com as contingências ontogenéticas, à história de vida do sujeito. Ele explicitaria o amor pelas coisas, pelos animais e pelas pessoas, como amamos nossos amigos e até a nós mesmos. O terceiro, Ágape, talvez o de mais difícil compreensão, é o amor construído socialmente,

através de nossas vivências enquanto seres sociais e pertencentes a uma comunidade verbal de uma determinada cultura. O Amor Ágape poderia ser entendido por muitos leitores como o amor dito incondicional, pelo fato de que, aqui, o reforçamento não é direcionado para o nosso próprio comportamento, mas para o comportamento de quem amamos.

Skinner (1990) ainda aponta que críticos do behaviorismo radical dizem que “Eu te amo” é o mesmo que dizer “você me reforça”. Não. “Eu te amo” seria dizer “você reforça meu comportamento”. Brincadeiras à parte, Skinner (1948) também questiona: qual seria outro nome para o amor que não reforçamento positivo? Essa é uma questão que vale a pena ser apontada, principalmente se o leitor entende que o conceito de reforçamento positivo vai muito mais além que o conceito de “recompensa”.



O reforçamento positivo é aquilo que mantém um indivíduo ativo e se comportando, é o que move uma pessoa enquanto ser humano na eterna busca de uma possível felicidade, do prazer, do amor em seus três tipos e do chamado amor-próprio, em que você se reconhece no mundo ante você mesmo e a outrem e à cultura em que está inserido, “tomando consciência” de seu valor.

Para finalizar, reflitamos sobre o seguinte ponto: num filme chamado “As Vantagens de ser Invisível”, uma personagem diz à outra que não se pode colocar todos a sua frente e achar que isso é amor. Complementando essa concepção de amor, seria interessante dizer também que você não pode se colocar a frente de todos e achar que isso é amor-próprio. E para você, caro leitor, o que é amor? O que te faz se sentir amado? E, sobretudo, como você se ama?

Referências

Skinner, B. F. (1948) Walden II. Cambridge: Hackett Publishing Company.

Skinner, B. F. (1969) Contingencies of Reinforcement: A Theoretical Analysis. New York: Appleton-Century-Crofts.

Skinner, B. F. (1974) About Behaviorism. New York: Vintage Books.

Skinner, B. F. (1990) Questões Recentes na Análise Comportamental. 5 ed. Campinas: Papirus Editora.

Charlanne Kelly Piovezan - CRP 08/08218
(44) 88411725

Michel Montelares - CRP 08/08578
(44) 9104-1515

Aline Feza - Psicopedagoga
(44) 9964-8282

- Psicoterapia (crianças e adultos)
- Avaliação psicológica e neuropsicológica
- Orientação profissional
- Perícia técnica
- Assessoria psicopedagógica
- Tratamento para fobias



CePCC

Centro de Psicologia
Comportamental
Cognitivo

CONEXÕES



LUIZ ANTÔNIO LAZARIN TRENTINALHA graduado em letras, pós graduado em artes, estudante do 2º ano de psicologia da UNICESUMAR e membro do JPF Psicologia Científica.



Arte de rua interativa e inconveniente em Banksy

Na história da arte do século 21, o nome Robert Banks não trará lembrança alguma, agora seu codinome, Banksy, certamente soará como um dos mais expressivos e lembrados desta época, além de suas peças conterem aspecto bastante característico conferindo-lhe um estilo inconfundível, o frisson político causado pelo impacto das imagens na sociedade já vem sendo percebido atualmente. O desenhista influencia diversos artistas plásticos e milhares de artistas de rua por todo o mundo, todos declaradamente se espelham em sua técnica. A audácia do ilustrador de Bristol, cidade industrial no sul da Inglaterra, é diretamente proporcional ao seu talento. Traz consigo não só o belo traço gráfico, mas também um engajamento social vigoroso que sempre cria uma sincronia irresistível com a mensagem na figura, sem exceção. Impactar, surpreender e espalhar as concepções do ideal que dissemina é a tônica do trabalho do inglês.

Nascido próximo a Londres, começou a expor seu trabalho nas paredes de fábricas abandonadas de sua cidade natal. É desde já um nome a se considerar a frente de seu tempo, ainda mesmo sem ser aceito pela crítica autorizada como artista. Entretanto, Banksy parece não dar a mínima para isso. Vivendo à margem das acusações de vandalismo, ele vai enriquecendo a sua obra e passando sua mensagem, vem dando certo, suas imagens são febre na internet. Criador de um estilo que pode marcar época nas artes visuais, Banksy inevitavelmente será lembrado no futuro como um dos mais notáveis nomes da arte (de rua).

O desenho do britânico é fiel a um estilo e segue um traço figurativo que lhe torna único. Cada uma de suas obras guarda afinidade tanto com a figura que a precedeu quanto com a que a sucederá, sem jamais cair em repetições ou qualquer espécie de monotonia. A capacidade de contextualização do conteúdo teórico do desenho já é suficiente para garantir a contínua renovação de seu repertório, e assim, assegurando sempre o interesse do observador. Uma das características mais marcantes é a acidez de seu ativismo, ele costuma apresentar o trabalho em muros de cidades pelo mundo, pontes e até zoológicos foram alvo dos desenhos. Temas como família real britânica, competência e integridade das autoridades,

políticos e políticas regionais e por fim, outra rede enorme assuntos que causam alvoroço na mídia e na população vem sendo constantemente abordados.

A impetuosidade do britânico o fez expor seu trabalho não somente nas ruas, mas também em diversos museus dos Estados Unidos e Europa, claro que sem ser convidado. Isso mesmo. Ele próprio entrou em vários museus do primeiro escalão mundial (e ainda o faz, mas agora disfarçado), um deles o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, MoMA e pendurou seus desenhos pelo local. O que permaneceu por mais tempo foi uma moldura que continha o desenho “Não à guerra” que se trata de uma modificação feita com spray em uma pintura a óleo, que ficou em exposição aproximadamente oito dias por não ter sido notada pelos responsáveis do local. Permaneceu nas paredes do Museu e foi vista por turistas e visitantes do lugar que não notaram que a moldura era alheia à cena – uma quantidade incontável de pessoas visualizou seu trabalho no requisitado centro de arte moderna.

A técnica que o identifica se chama “Estêncil”, utiliza um desenho recortado e vazado num papel ou algo que tenha rigidez suficiente para ser uma prancha. Um aerossol pra aplicar no recorte vazado do papel sobre qualquer superfície e muita disposição pra realizar a pintura sem ser descoberto. A prática apesar de ser aplicada em muros velhos, ruínas ou paredes de locais abandonados ainda não é vista com bons olhos pela população.

Seu estêncil é de cor predominantemente preta, o rápido processo de aplicação da tinta na parede o fez permanecer anônimo por algum tempo. Mesmo aplicando suas ações em locais públicos e a luz do dia, muito de sua obra já era conhecida enquanto ninguém sabia que Banksy era Robert Banks. Outro ponto que chama atenção em seu traço é a linearidade do componente narrativo contido nas imagens, a graça e o humor a que submete o espectador, desperta mais e mais o interesse sobre o que é comunicado.

O que incomoda no movimento é a tinta empregada no muro e o conteúdo das pinturas, que inquieta as autoridades e abala a imagem das hierarquias perante as pessoas da sociedade. A própria Rainha Elisabeth, Príncipe Charles e até a falecida Lady Di são constantemente ridicularizados em menção aos gastos astronômicos, imagem deteriorada e outras tantas frivolidades. Hierarquias são descritas como viciosas descartáveis pela cultura social anárquica que defende Robert Banks enquanto ser humano, o formato de governo está ficando obsoleto em sua opinião e a arte com humor efervescente é a maneira com que lida com isso.

Em uma famosa peça, ele pinta uma mulher com uniforme de zeladora da Casa Real Britânica varrendo a



sujeira para de baixo do tapete. O efeito que a figura causa é de que a mulher estaria varrendo a sujeira da calçada na rua para baixo de um tapete pintado no muro, oferecendo a ilustração efeito 3D, obra que demorou 18 minutos para ser produzida, pouco tempo para o tamanho do incômodo que causou na mídia e a desaprovação das autoridades locais que se prontificaram em apagar. Porém, o desenho permaneceu na parede por alguns dias até que fosse descartado. Hoje, plagiada pelo mundo todo, prática que é estimulada pelo criador para difundir ainda mais o seu pensamento.

O manifestante atirando um ramallete de flores “Throwing Up Flowers” é certamente sua obra mais conhecida, tanto que se tornou capa de seu livro; “Guerra e Spray”. Este estêncil traz talvez a mensagem mais importante da proposta anarquista de Banksy, a de non-violence (não violência). A primeira impressão que a figura suscita no observador é de hostilidade. Assim. Um manifestante de rua com o rosto coberto a fim de ocultar sua identidade. Os braços desenhados um sobre o outro e não na mesma linha, para causar a impressão de movimento, que sugere que o mesmo esteja empregando força para atirar um objeto contra alguém ou algum lugar; os olhos do sujeito na pintura fixos num ponto apontam a ideia de que ele está mirando o que quer atingir. Entretanto a sensação de tensão é subitamente substituída pela graça ao perceber que o objeto a ser arremessado é um inofensivo feixe de flores, que são a única parte colorida da ilustração.

Nessa obra Banksy sintetiza uma situação milenar num simples desenho preto, o furor explosivo de uma revolta representado pela figura do manifestante e a sutileza de sua proposta. Presentear com flores, mas ocultar a própria identidade, ou seja, doar sem nada esperar receber em troca, num altruísmo desmedido, agressivo... Vida Longa a Banksy!

Ψ Ariana Krause
psicóloga - CRP 08/17743

📍 Especialista Clínica de Orientação Psicanalítica
📍 Aspen Park Trade Center - 16º andar - sala 1624
📍 Av. São Paulo, 1061 - 87013-040 - Maringá - PR
✉ contato@arianakrause.com.br
🌐 www.arianakrause.com.br
☎ (44) 9835-6109 (claro)

Parceiros deste jornal ganham...

50%
de desconto

webee
e-marketing

... para desenvolver o site de sua empresa

www.webee.com.br
ATENDIMENTO MARINGÁ
oliver@webee.com.br
44 3233-4124
44 9874-5577

FALE COM LONDRINA
info@webee.com.br
43 3323-1371
43 3024-1371

ENTREVISTA



Para comemorar os quatro anos de criação do Jornal Psicologia em Foco, o entrevistado do mês será o idealizador e editor-chefe do JPF, Vinicius Romagnolli.

JPF - Nesta edição comemoramos quatro anos de Jornal Psicologia em Foco e Oficina do Saber, comente sobre suas expectativas com o futuro destas atividades?

Vinicius: É difícil fazer prognósticos, quando tudo começou em 2010, eu não tinha a real dimensão do rumo que as coisas tomariam e até onde elas iriam chegar. O que eu tinha em mente inicialmente era um intuito de integrar as diferentes áreas da psicologia, suas abordagens e suas instituições, promovendo um diálogo entre estudantes e profissionais. Percebo que era um objetivo mais singelo do que se tornou o Jornal Psicologia em Foco (JPF) e a Oficina do Saber; estes projetos cresceram graças ao apoio de muitas pessoas que compraram a ideia, em especial os membros, os parceiros e os leitores, fato este que nos motiva a fazer mais e vislumbrar coisas maiores.

Inicialmente o JPF era destinado a acadêmicos e profissionais da Psicologia, mas na medida em que pessoas de outras áreas tiveram acesso, tivemos que ter um maior cuidado quanto ao conteúdo, adequando-o para torna-lo acessível a um público leigo. Creio que o desafio para os próximos anos seja manter a qualidade que alcançamos tanto no JPF como nas Oficinas. É mais difícil manter o padrão e o nível que chegamos, portanto o esforço por melhorias é contínuo e investimos muito nisso para que o Jornal seja mais atrativo e a Oficina mais interessante a cada edição.

Temos como meta expandir cada vez mais os horizontes do JPF e da Oficina, levando-os para outras cidades, o que já temos feito com Campo Mourão, Mandaguari, Jandaia e Londrina. Para otimizar esse processo, estamos preparando a assinatura do JPF.

JPF - O projeto passou por diversas evoluções, tanto o JPF, quanto as Oficinas, caminhando do preto e branco ao colorido e de diagramações novas, mudanças nos locais de encontro e novos parceiros, entre todas as evoluções, qual você considera mais importante?

Vinicius: Em relação as evoluções, todas

foram fundamentais, nos trouxeram mais credibilidade, tornando os jornais mais agradáveis para a leitura e as oficinas mais prazerosas, mas além das mudanças técnicas, a principal mudança foi no material humano; o ingresso de cada membro (nestes quatro anos tivemos mais de 50 pessoas envolvidas com o projeto), agregou muito, afinal cada um deixa um legado, contribuindo para esse crescimento, nada seria possível se não tivéssemos pessoas por trás que realmente vestissem a camisa do projeto e como diz um membro nosso “curtissem o rolê”.

A partir do momento em que nós profissionalizamos a equipe houve uma significativa mudança de postura, passamos a pensar em uma missão e valores em comum, alinhamos nossos pensamentos e objetivos, assim tudo ficou mais fácil. Portanto, não há como falar apenas das melhorias técnicas sem mencionar a evolução da equipe.

JPF - De todas as pessoas que ajudaram no desenvolvimento do projeto, existem muitos parceiros que não estão incluídas no instituto, mas fizeram a história do JPF acontecer, qual o papel dessas pessoas na desenvolvimento do Instituto Psicologia em Foco?

Vinicius: No começo de tudo, os primeiros a comprarem a ideia foram meus colegas de classe, os poucos homens da Psicologia do Cesumar, turma 2006-2010, trata-se de Roberto Martins, Diogo Valim, Helom Silva, Marcelo Khoury, João Marques e Cesar Cadamuro. Foram eles que ajudaram a escolher o nome do jornal e a estrutura dele, os primeiros contatos com as gráficas, as primeiras matérias e os patrocínios, foi esse grupo que conseguiu com que os professores do UNICESUMAR nos ajudassem. Não há como deixar de mencionar a professora Gilcineia dos Santos que conseguiu o apoio institucional e a Ludhiana Mattos que nos ajudou com o ISSN. Somos gratos também aos parceiros, pois sem eles nossas ideias não sairiam do papel. Temos que ressaltar também o trabalho de consultores, tais como Renan Freitas, Lucas Furlan e Oliver Cury que nos

fizeram “pensar fora da caixa”, com certeza existe um antes e um depois dessas consultorias.

JPF: Neste tempo muitas pessoas fizeram parte da equipe que integrou o projeto, qual a importância deles na evolução do jornal e em sua vida pessoal?

Vinicius: Acho que o principal fundamento da equipe é que aprendemos todos os dias, a cada reunião, a cada edição e a cada oficina. Nós nos amparamos, trocamos muito intelectualmente, o que proporciona um desenvolvimento enorme para todos os membros, que vão chegando e renovando nossas energias. Os membros mais velhos zelam muito pela nossa cultura e a manutenção dos nossos valores.

Vejo que apesar das diferenças individuais, temos um ponto em comum: uma incessante busca pelo conhecimento; a insatisfação é a marca registrada da equipe e as melhorias ocorrem em virtude dessa insatisfação que nos impulsiona, nos retira da zona de conforto. Guimarães Rosa dizia que “o animal satisfeito dorme”, e se há uma coisa que nossa equipe faz pouco é dormir. Há que se ressaltar que ninguém é remunerado, portanto, um dos elementos que mais nos motiva a continuar fazendo é esse convívio.

JPF: No decorrer da história do jornal, como você percebe a aprovação do jornal pelos profissionais de psicologia e outras áreas do saber?

Vinicius: Inicialmente percebíamos uma certa resistência em relação ao JPF e a Oficina, um ar de novidade, trata-se de algo sem precedentes aqui em Maringá, um jornal de psicologia e os debates nesta área não eram tão frequentes assim, em função disso tivemos um cenário de desconfiança até com relação a perenidade do projeto. Com o tempo e as melhorias a cada edição e oficina ganhamos credibilidade. O aumento de profissionais lendo o JPF e participando das oficinas é um reflexo de como os dois foram ganhando peso e importância, e de que nosso esforço foi reconhecido.



Linda Li
Viagens e Turismo

PARA TODOS OS DESTINOS...

...UMA SOLUÇÃO PERFEITA!

WWW.LINDALI.COM.BR
AV. RIO BRANCO, 264 A
(44) 3305-3662 / (44) 9911-3663

DICA DE FILME E
DICA DE LIVRO

O mordomo da
Casa Branca (2013)

LUIZ ANTÔNIO LAZARIN TRENTINALHA

A parte que mais chama a atenção em “O Mordomo da Casa Branca” é a sua simplicidade. O filme relata uma importante fase histórica americana sem exageros na produção, o aspecto visual não é de uma superprodução e nem se vale de efeitos cinematográficos sedutores; por ora se parece com um documentário. O longa relata a história real de um mordomo que serviu sete presidentes americanos, completando um ciclo iniciado em 1953, com o republicano Eisenhower e completado em 1989 quando o também republicano Ronald Reagan presidiu.

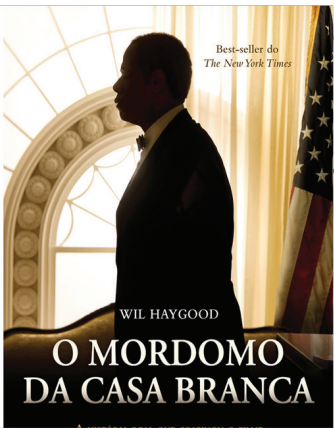
Embora não relate com total fidelidade a trajetória de vida do protagonista, este se chamava Eugene Allen, e não Cecil Gaines, como relatado na trama. Em meio a isso, se soma que ele não tenha crescido em um campo de plantação de algodão, ainda o filme não perde em credibilidade. A cronologia de posse dos presidentes com os conflitos envolvendo a luta dos negros por igualdade nos direitos civis, já faz da história uma das que se vale a pena ser contada.

Nesta última a veracidade é tamanha que cenas foram reproduzidas rigorosamente iguais as que haviam sido retratadas nos noticiários da época. O mais relevante, é que o mordomo Cecil representa uma testemunha ocular das decisões tomadas em relação

aos direitos que lutavam ativistas das causas negras. Se a mistura entre ficção e narrativa histórica não agradou a academia, que deixou de fora da festa de premiação do Oscar a obra do diretor Lee Daniels, não se pode dizer o mesmo dos espectadores, *The Butler* é sucesso de bilheteria.

Trata-se de uma obra cinematográfica que conta com um elenco estrelado por Forest Whitaker, Oprah Winfrey, Cuba Golding Jr. Lenny Kravitz, Mariah Carey e Robin Williams; Ufa! E o diretor também vem respaldado; seu trabalho em “Preciosa” rendeu ao filme a indicação para o prêmio de melhor filme em 2010. Estes dois fatos isoladamente, talvez fizessem com que qualquer roteiro de novela mexicana se tornasse um filme digno de premiação.

Além da sensibilidade com que subverte no arbitrário sistema de hierarquia da Casa Branca a imagem de que profissão de mordomo seria para desmerecer os negros o como ele eleva a profissão que lhes era destinada em um tom cínico e obscuro, como se tal fora uma espécie de indenização por erros cometidos contra eles ao longo da história. Se isso não merece um Oscar, suponho que uma indicação à canonização de Eugene Allen seria ainda mais justa.



AÇÃO SOCIAL



O Projeto Pescadores de Vidas leva esse nome porque tem como foco principal o resgate de crianças e adolescentes em situação de risco. As atividades são feitas todos os domingos pela manhã e são pré-determinadas por meio de um cronograma. Desenvolvemos atividades pedagógicas, cultos, brincadeiras e atendimento junto às famílias no sentido de ouvi-las, conduzi-las e orientá-las.

A Missão do Projeto Pescadores de Vidas é mostrar para as crianças e adolescentes uma nova perspectiva de vida em todas as suas áreas desde o pessoal ao profissional, através de links com instituições como a Universidade Estadual de Maringá. Precisamos de doações, como leites (de diversos tipos), arroz e roupas infantis. Neste inverno estamos com uma campanha para arrecadar agasalhos e cobertores!

Saídas do grupo para a comunidade: às 08:30 em frente a prefeitura de Maringá. Este projeto realiza ações no bairro Bom Pastor em Sarandi/PR aos domingos às 09:00.

Venha ser voluntário e/ou doador! Entre em contato nos telefones: (41) 3046-4244. 9840-5475 ou 9963-4347 ou no e-mail: contato.pescadoresdevidas@gmail.com



O engenhoso fidalgo
Dom Quixote de la Mancha

Quando nos dispomos a adentrar num universo ficcional, esteja ele numa música, numa história narrada por um amigo, num filme ou em um livro, aceitamos de antemão certa cisão com a realidade, afinal, se trata de uma ficção. Porém ao imergirmos pela primeira vez num novo universo, tudo aquilo que temos como certo deve ser posto em suspenso. É comum, por exemplo, assistirmos a heróis capazes de distorcer os princípios básicos da física, sem nos chocarmos com isso, alguns voam, outros são indestrutíveis e outros parecem capazes de destruir qualquer coisa. Aceitamos a realidade fictícia a bem do entretenimento e sem nos darmos conta, somos guiados pela lógica interna desse novo cenário. Isso faz de Dom Quixote um herói à parte. Escrito a mais de 400 anos por Miguel de Cervantes, Dom Quixote, não necessita de uma nova realidade para fundar seus

feitos de herói, vive num mundo tal qual o nosso - a despeito é claro, da época, não convém que sejamos anacrônicos aqui - porém, as diferenças sócio históricas que nos separam da narrativa de Cervantes em nada nos distanciam do herói.

Não há nesse herói nada que o torne fisicamente superior a qualquer um de seus antagonistas. O Quixote não tem poder, muito menos superpoderes. No entanto é magnífico! Pois apesar de provar-se fraco contra seus vilões, impõe com uma força incomparável os valores que elege, ao ponto de arriscar a vida incansavelmente para exaltar a ordem da cavalaria, da qual ele próprio é um raro representante.

Cervantes não cria uma realidade mais flexível para que o Quixote se torne herói, pelo contrário, são os atos heroicos do Quixote que criam uma realidade magnífica para o leitor.

RODRIGO CORRÊA
estudante do 5º ano de
psicologia da UEM, membro
do Jornal Psicologia em Foco e
colunista do Jornal O Duque.

Uma história de sabedoria
escrita ao longo de páginas.

Uma homenagem do
VERMELHOPANDA
ESTÚDIO DE DESIGN

4
anos



“ Conhecer o homem
- esta é a base
de todo o sucesso.

Chaplin

Parabéns ao Jornal
Psicologia em Foco
pelos 4 anos nos
ajudando a conhecer
melhor a nós mesmos.

VilaÓpera
agência de conteúdo

www.vilaopera.com.br

ACONTECEU

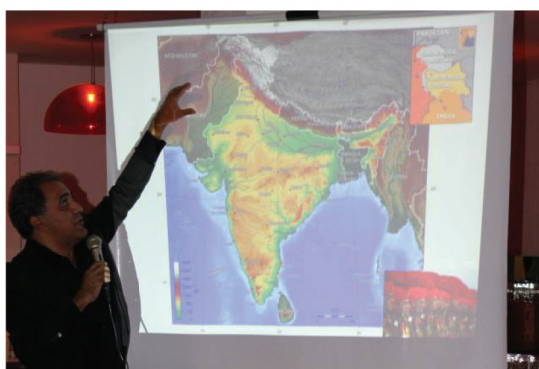
Grupo Psicologia em Foco se torna Instituto

Neste mês, o Grupo Psicologia em Foco, formado por profissionais da área e acadêmicos que promovem diversas atividades, entre elas a Oficina do Sabor, conquistou o direito de funcionar como Instituto Psicologia em Foco. A grande diferença está no fato de que o grupo estava organizado informalmente e, agora, passa a desenvolver o trabalho de maneira legal, organizada sob o escopo de regras, normas e definições de cargos que visam o crescimento das atividades.

O Instituto Psicologia em Foco se apresenta como uma instituição sem fins lucrativos, de caráter científico, cultural, voltado especialmente ao estudo,

pesquisa e divulgação das informações na área da psicologia e desenvolvimento humano. Segundo a advogada Severina Casagrande, o Instituto pode desenvolver projetos e parcerias com outras instituições, faculdades, empresas, órgãos públicos e, também, receber doações passíveis de dedução do Imposto de Renda.

Essa mudança se deu a partir de uma evolução natural nas atividades do grupo, que sentiu a necessidade de organização formal. As atividades realizadas anteriormente continuam sendo prestadas e novas idéias passam a ser criadas.



Oficina do Sabor explora cultura e gastronomia da Índia

Após desembarcar na Austrália, onde convidados tiveram a oportunidade de conhecer mais sobre os costumes e curiosidades da Oceania, o segundo destino escolhido pelos organizadores da Oficina do Sabor foi a Índia, país conhecido pela sua exuberância e paisagens paradisíacas. Realizado pelo Grupo Psicologia em Foco, que reúne acadêmicos e profissionais de Maringá, o evento aconteceu no dia 29 de abril, no Restaurante

Madeira Grill.

O intuito do evento, com frequência mensal, foi o de promover uma viagem cultural para conhecer um país a partir de seus saberes e sabores. Além do cardápio com cinco diferentes pratos, incluindo entradas e sobremesas típicas da Índia, a Oficina do Sabor contou com a presença do historiador Sid para uma aula descontraída sobre a história de formação e a cultura exótica do país.

Arteterapia abre Oficina do Saber de abril

O Grupo Psicologia em Foco promoveu a primeira Oficina do Saber do mês de abril com o tema “Arteterapia: arte ou terapia?”, ministrada pela psicóloga e arteterapeuta Paula Cardoso. O encontro foi realizado no dia 10 de abril, no auditório da PUC.

A arteterapia é uma forma de psicoterapia que utiliza a criação artística como ferramenta para facilitar a expressão. Segundo a palestrante, a abordagem facilita transformações internas, promove o bem-estar, o autoconhecimento e gera reflexões por meio da livre expressão artística. Música, dança, teatro, atividades plásticas, contos de histórias, colagem, desenho, pintura e modelagem são alguns caminhos enumerados pela psicóloga que facilitam o processo de descoberta e melhora do paciente.

Para ela, pessoas de todas as idades podem ser tratadas através da arteterapia. “Quem busca o desenvolvimento pessoal, vivencia doenças e traumas, tem dificuldades de resolver conflitos, sofre de transtornos mentais ou alimentares, dependência química e outras patologias, pode se beneficiar com o tratamento”, explica.

Paula acrescenta, ainda, que a pessoa pode até mesmo se descobrir como artista após conhecer a arteterapia, mas a intenção do tratamento é facilitar a livre expressão da consciência e de aspectos do inconsciente que afloram por meio da arte, sem que seja necessário seguir conceitos estéticos. Outro tópico abordado durante o encontro foi o resgate de técnicas milenares de promoção, prevenção e expansão da saúde em união ao potencial criativo de cada um.

Oficina discute a criação de expectativas que são projetadas de maneira destemida na esfera afetiva

A segunda Oficina do Saber do mês de abril abordou o tema “Projeção nos Relacionamentos Amorosos” e foi ministrada pela psicóloga Maria Cristina Recco. O encontro aconteceu no dia 24 e lotou o auditório da PUC.

Segundo a palestrante, o vínculo amoroso é o resultado de uma construção cotidiana que se consolida ao longo de um relacionamento. Para ela, os conteúdos de um vínculo amoroso são carregados de projeções positivas e negativas, pois a imagem verdadeira do outro, e a própria imagem, ficam distorcidas pelas projeções. Nesse caso, a imagem que uma pessoa cria sobre a outra, nem sempre é condizente com a realidade.

“Esses aspectos, por vezes, se mostram altamente atraentes e carregados de um potencial de felicidade. Outras vezes, destruidores e enfiadores”, explica.

Maria Cristina acrescenta, ainda, que as projeções podem se apresentar substituídas repentinamente pelo seu aspecto oposto, ou seja, aquilo que parecia maravilhoso e cheio de vida, pode parecer horrível e cheio de defeitos. “A projeção é uma forma dos conteúdos da alma se manifestarem. Este aspecto precisa ser compreendido como um veículo para o desenvolvimento da consciência em busca de auto realização. São representações espontâneas da realidade psicológica de cada um”, diz.

**Venha estudar na
única escola de
Psicoterapia Psicanalítica
do Paraná**

Pós Graduação e cursos
de formação continuada

**Especialização em
Psicoterapia Psicanalítica
Contemporânea**

Cursos oferecidos:

- O Amor e Suas Vicissitudes
- Sonhos na Psicoterapia Psicanalítica
- Pacientes Graves na Psicoterapia
- Psicoterapia Breve com Orientação Psicanalítica
- Observação Psicanalítica da Relação Mãe-Bebê-Família – Método Esther Bick

**CENTRO DE
ATENDIMENTO**

Os alunos começam a
receber encaminhamentos
durante o curso

**VOCÊ JÁ SAI
ATENDENDO!**

EPPM
Escola de Psicoterapia
Psicanalítica de Maringá

44 3227-0252 | contato@eppm.com.br
www.eppm.com.br

AGENDA



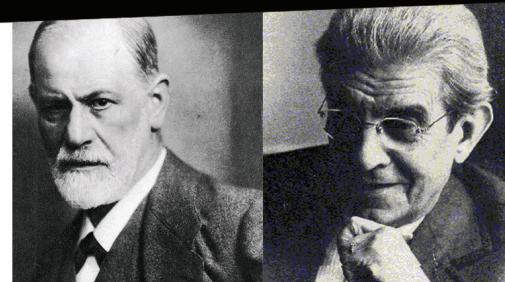
**PACIENTES LÍMITROFES
E TRAUMATISMO PRIMÁRIO**

25/07
(SEXTA-FEIRA) - 14H
LOCAL: A DEFINIR

PALESTRANTE:
CLAUDIA AMORIM GARCIA -
Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica
pelo Wright Institute (Berkeley).
Professora associada do Departamento
de Psicologia da PUC-Rio. Membro efetivo do
Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro.

MAIORES INFORMAÇÕES: 044 9985-9839
INVESTIMENTO: R\$ 20,00
apoio:
Vinicius Romagnoli 

Curso de Pós Graduação em Psicanálise – Freud a Lacan



Matrículas abertas!

início das aulas Agosto de 2014.

Coordenação: Prof. Mestre Sonia Maria Petrocini

DISCIPLINA

Aula Magna	04h
MPC - Metodologia da Pesquisa Científica	15h
O Sujeito do Inconsciente e sua Estruturação	30h
Produção do Conhecimento em Psicanálise	30h
Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise	75h
A Ética da Psicanálise: A Prática e sua Teoria	30h
Psicopatologia e as Estruturas Clínicas	75h
A Pesquisa e a Clínica	30h
A Prática da Psicanálise: Aplicações Clínicas e Institucionais	45h
O Tratamento com Crianças e Adolescentes	45h
Formação do Analista	30h
O Tratamento em Psicanálise	45h
A clínica do Autismo e da Psicose	45h
Tópicos Especiais	30h
MAC - Metodologia do Artigo Científico	15h

**Investimento: 24 x R\$ 562,50
ou 18 x R\$ 750,00**

15% de desconto para ex-alunos
Kroton e colaboradores de
empresas conveniadas.
(Exceto na primeira parcela/matriculada)

O curso existe desde 1997. A equipe de trabalho continua essencialmente a mesma desde o início, envolvendo psicanalistas e profissionais ligados à Escola da Coisa Freudiana de Curitiba, bem como alguns convidados do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e outros. Tal curso, hoje, está alocado pela Faculdade Pitágoras de Londrina – PR, sendo organizado e coordenado pela psicóloga Sonia Maria Petrocini (CRP – 08/543). É importante salientar a preocupação referente à transmissão do saber Psicanalítico por meio de seus conceitos fundamentais, incluindo módulos com conexões necessárias à formalização da teoria analítica. O curso conceitua a ética analítica e precisa o campo e a sua prática, aprofundando conhecimentos sobre a formação do analista e sua transmissão em Psicanálise.

OBJETIVO: Traçar os pontos básicos da Psicanálise criada por Freud, relida e avançada por Lacan, permitindo o aprimoramento dos conceitos clínicos psicanalíticos. O curso está estruturado em torno de temas principais que serão desenvolvidos em módulos, tendo um caráter nitidamente conceitual, destinando-se a todos aqueles que se interessam pela Psicanálise.

CARGA HORÁRIA: 555 horas, além da carga horária destinada à elaboração de artigo

www.faculdadepitagoras.com.br/londrina



Calendário de Atividades 2014



1- Espaço de Psicanálise de crianças e adolescentes:

5 lições sobre os tempos da subjetivação: o bebê, a criança e o adolescente

Ministrante: Psicanalista Marta Dalla Torre

Datas: 28/06; 26/07; 30/08; 27/09; 25/10 (sábados)

Horário: 9h às 12h

Local: Ato Analítico

Investimento: 6 parcelas de R\$120,00 ou R\$540,00 à vista

2- Curso: de Freud a Lacan;

Ministrantes: Psicanalista Marta Dalla Torre e Valéria Codato

Datas: 02/08; 23/08; 06/09; 20/09; (sábados)

Horário: 9h às 12h; 14h às 17h

Local: a definir

Investimento: 4 parcelas de R\$150,00 ou R\$550,00 à vista

Para o espaço **"Retorno à Letra"** e Grupo de Trabalho **"A psicanálise e sua prática"**, existe a possibilidade de ingresso nos grupos em andamento. Os interessados devem agendar entrevista de acolhimento.



**Informações: 44-3225.4561 ou
atoanalitico@gmail.com**